

SÃO BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

vida, influências e legado

por Jorge Alves Barbosa

São Bartolomeu dos Mártires, nasceu em Lisboa a 3 de Maio de 1514, tendo sido baptizado com nome de família, Bartolomeu Fernandes. Aquando da sua profissão religiosa, e em memória do seu avô, acrescentaria ao nome o apelido “do Vale”, alterando mais tarde para “dos Mártires” pelo facto de ter sido baptizado na Igreja dos Mártires. Esta evolução do nome, marca algumas das etapas da formação e desenvolvimento da sua personalidade, desde que o “menino dos olhos tortos”, acompanhando diariamente o seu avô já cego à Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, deslocando-se depois para a escola, dele recolhe a sensibilidade para uma vida espiritual intensa e austera enquanto, no estudo diligente e na relação com os frades dominicanos do convento de São Domingos de Lisboa, desenvolve uma especial apetência para a vida religiosa que, aos 14 anos haveria de iniciar por solicitação ao respectivo Prior, Frei Jorge Vogado enfrentando, a partir de então, os desafios de uma vida austera e de formação académica particularmente brilhante.

Distinguido pelos seus superiores com a inscrição entre os alunos do colégio universitário que El-Rei D. Manuel fundara no convento de S. Domingos, desenvolveu a sua formação entre 1529 e 1537, devendo dedicar-se particularmente ao estudo das letras sagradas como preparação para o ministério das almas e alimento da sua vida espiritual, tarefas que iniciaria de imediato, após o exame de Leitor de Artes e Teologia, ficando a leccionar Filosofia no próprio colégio onde acabava de ser aluno. Daí passou ao Mosteiro da Batalha para reger essa mesma cátedra, nos estudos gerais. Por volta de 1542 assumia a cátedra de Teologia onde exerceu a sua actividade académica num crescendo contínuo: em 1545, o seu mérito haveria de ser reconhecido pelo Rei D. João III que passou um alvará declarando as suas aulas ministradas no Mosteiro da Batalha, válidas para o grau de Licenciatura em Teologia; em 1551, o Capítulo da Província de S. Domingos de Portugal propô-lo ao Capítulo Geral da Ordem Dominicana em Salamanca para o grau de Mestre e Doutor em Santa Teologia, título que lhe foi conferido, após a prestação de provas onde revelou “suficiência de doutrina e destreza de engenho”. Continuou então como professor no Mosteiro da Batalha até que, em 1552, a convite do Príncipe D. Luís, foi para Évora como mestre de seu filho D. António, futuro Prior do Crato. A sua competência contribuiu grandemente para a elevação do prestígio da escola eborense: “com um mestre que agora nos veio de novo, homem muito douto, da Ordem de S. Domingos – escreviam então os jesuítas da mesma escola – se melhoraram muito os estudos”.

A sua forma de ensinar está particularmente patente nos apontamentos, com que preparava e ministrava as suas lições, pelas quais procurava “resolver, em breves palavras, em que consiste a verdade, como se poderão abordar as dúvidas que uma questão coloca, abordar as dúvidas que, não sendo explícitas, poderão surgir, e ainda apresentar aquelas dúvidas para as quais já temos a solução...”, como refere na introdução aos seus *Escritos Teológicos*. Esta obra resulta da transcrição e organização realizada, já nos nossos dias por Frei Raúl de Almeida Rolo, publicada em seis volumes de mais de setecentas páginas cada um. Apostado em “fazer discípulos santos mais que doutos com a lição; e para salvarem almas com a pregação”, Frei Bartolomeu procurou enfrentar os desafios de uma época particularmente difícil, não só pela efervescência cultural do Renascimento ou pela crise religiosa decorrente da Reforma luterana, mas também porque “o rigorismo de uns procurava compensar uma grande dose de desleixo da maioria, afectando a própria estrutura das comunidades conventuais com a divisão entre grupos de observantes estritos e liberais”. Tendo como referência, primeiro as *Sentenças* de Pedro Lombardo e depois a *Summa Theologica* de São Tomás, procura pôr em prática um ensino aberto à discussão, mas seguro nos conteúdos, face aos perigos de heresia e à vigilância da Inquisição, fundamentando os seus comentários às duas obras de referência nas aporções dos maiores mestres de então como Caetano, Francisco de Vitória, Domingos de Soto ou Melchior Cano.

Esta intensa vida académica viria a ser inesperadamente interrompida, no seu auge, pois, em 1558, o seu superior, Frei Luís de Granada propôs à Rainha D. Catarina o Frei Bartolomeu, para Arcebispo de Braga, escolha a que se opôs liminarmente até que foi obrigado a aceitar, de joelhos e em lágrimas, em nome da obediência religiosa. Procurando apoio espiritual e esclarecimento pastoral no pensamento de São Gregório Magno, Santo Agostinho, São João Crisóstomo e São Bernardo, escreveria, para uso pessoal, o *Estímulo de Pastores*, a sua obra mais famosa, iniciando uma acção pastoral que não ignoraria a sua formação e actividade académica, transformando-o no mais influente e fogoso dos Padres do Concílio de Trento onde advogaria, entre tantas outras, a reforma de costumes, a começar pela “eminentíssima reforma de que hão mercê os eminentísimos Cardeais”. A crassa ignorância dos inúmeros padres da sua enorme diocese – um “hospital de mais de mil e quatrocentas camas”, como ele gostava de a designar – e o abandono a que estava votado o povo, levaram-no não só à escrita do *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*, para ilustração doutrinal de clero e povo, mas também à “visita” assídua às paróquias da Diocese, desenvolvendo uma intensa actividade social e mesmo política, formando os mais jovens, alimentando os pobres, curando os empestados e comprometendo-se abertamente na sucessão de Dom Sebastião por Filipe II de Espanha. Depois de vinte anos de actividade, haveria de ver aceite o seu pedido de resignação pelo Papa Gregório XIII, em 1581, quando “andava visitando” a Diocese, retirando-se então para o Convento de Santa Cruz, em Viana do Castelo, continuando a sua obra de formação e assistência até aí falecer a 16 de Julho de 1590.

Esta vida a actividade intensa haveriam de inspirar vários biógrafos, com relevo para Frei Luís de Sousa que escreveria essa obra-prima da literatura portuguesa que é a *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, e Frei Luís de Granada, a que se seguiriam as de Giovanni Guillard, Frei Malaquias d’Inguimbert, Aquilino Ribeiro, José Caldas, Mons. José de Castro e Frei Raúl de Almeida Rolo. A sua acção política haveria de envolver, nas disputas que provocou, o próprio Camilo Castelo Branco. A sua obra particularmente expressiva de cerca de trinta títulos, envolvendo vários géneros literários, aliada à sua acção social e pastoral é cada vez mais objecto de estudo em artigos, conferências, teses académicas, rondando os cinquenta títulos. O Papa João Paulo II citou o seu exemplo na *Exortação Apostólica “Pastores Gregis”*, celebrando também a sua Beatificação, a 4 de Novembro de 2001. No dia 5 de Julho de 2019, o Papa Francisco assinava o Decreto de Canonização, declarando que “Bartolomeu dos Mártires, da Ordem dos Pregadores, que foi Arcebispo de Braga, é Santo e que como tal, deve ser inscrito no Catálogo dos Santos e piamente honrado e invocado entre os Santos da Igreja Universal”, fazendo finalmente jus ao sentir do povo que tão diligentemente serviu e que, desde a sua morte o apelidava de “Arcebispo Santo”.